

Para Requião, Lula deve mudar também a política econômica

Liliana Lavoratti e Ivanir José Bortot
de Curitiba

Neste momento que faz a segunda reforma ministerial, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deveria mudar também a política econômica, afirma o governador do Paraná, Roberto Requião (PMDB). "Ele (o presidente da República) devia esquecer este negócio de trocar ciclando e beltrano. A política econômica está errada e o governo do PT ainda tem a chance de mudar de rumo."

Para o governador paranaense, o governo Lula está "iludido" com o crescimento da economia de 5,2% em 2004 em relação ao "fundo do poço" de 2003, quando o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 1,3%. "A propaganda oficial repete sem cessar que a economia brasileira avançou muito em 2004, mas basta olhar a escalada da pobreza e da violência à nossa volta para perceber que a realidade não é o que aparece na tevê e nas cifras manipuladas pelos arautos do sistema de poder."

Crítico da opção do governo Lula de manter as linhas básicas da política macroeconômica iniciada pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello — Selic elevada para segurar a inflação e maior arrocho nos gastos públicos para gerar superávit primário destinado a abater a conta de juros da dívida pública, que cresce a cada vez que a taxa de juros básica sobe —, o governador paranaense diz que ainda tem esperança de ver o governo do PT ousar.

Autor de posições polêmicas — ele proibiu o plantio, comercialização e transporte da soja transgênica no Paraná —, Requião enfatiza que Lula está cometendo o mesmo erro do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao focar a reforma ministerial na busca de apoio do Congresso Nacional e na reeleição em 2006. "Apoiei Lula e continuo orgulhoso de ter um operário no comando do País, mas está na hora do governo ousar, olhar um pouco o que acontece na Argentina e na Venezuela".

Requião considera um "despaupertério" os investimentos federais se restringirem a apenas 0,2% do PIB em 2004, a metade do que investido em 2003, para gerar um superávit nas contas públicas maior do que o acordado com o Fundo Monetário Internacional (FMI). "Foi uma festa quando o FMI autorizou a União gastar R\$ 3,5 bilhões em

obras de infraestrutura", alfineta o governador. "Neste ano o governo do Paraná vai investir R\$ 1,7 bilhão", acrescenta.

Para Requião, a proposta do governo de usar as Parcerias Público-Privadas (PPP) para privatizar o saneamento básico "é algo que não entra na cabeça de quem tenha mais do que três neurônios, e quase todo brasileiro tem mais que isso, menos na condução da política econômica". Na opinião dele, o saneamento básico que existe no Brasil graças a um artifício criado pelo regime militar, que estabeleceu um sistema de empresas estaduais com subsídios cruzados — as cidades onde o serviço dá lucro financiam aquelas onde as tarifas são insuficientes.

No entanto, se isso for transformado em negócio, as empresas deixarão de investir nas cidades onde o sistema não propiciar lucros. "É mais um caso de políticas suicidas lançadas com ar de genialidade."

A adoção de uma política social consistente, associada a medidas de desoneração de tributos para pequenas empresas é o que mais agrada Requião em seu segundo mandato no governo do Paraná. Empresas com faturamento até R\$ 18 mil mensais estão isentas de tributos estaduais; aquelas acima de R\$ 44 mil são tributadas em 2% sobre a diferença em relação à faixa de isenção; além disso os prazos de recolhimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) foram ampliados.

"Estamos distribuindo à população carente quatro milhões de litros de leite nas cantinas das escolas e vendemos 2 milhões de litros de água a R\$ 1,50, quem gasta até 100 kw de energia ao mês não paga nada. Tudo isso traz economia nos gastos da saúde, pois 80% dos atendimentos na rede pública de saúde são decorrentes de infectocontágio", ressalta. O governador elogiou Bolsa Escola, do governo federal. "Mas pouco adianta dar um butijão de gás e uma bolsa escola e praticar juros de 19,25% ao ano."

Embora figure entre os nomes mais citados para disputar as eleições presidenciais de 2006, Requião nega que isso esteja nos seus planos. "A gente precisa ter parâmetros de comportamento para referenciar a sociedade. Se o governo não for firme, a sociedade se desorienta, como fica perdida uma família sem pai."